

Espiritualidade nas empresas

Spirituality in the enterprise Espiritualidad en empresas

*Christian de Paul de Barchifontaine**

RESUMO: Ao refletir sobre a espiritualidade nas empresas, após algumas conceituações, o autor indaga: é possível falar de espiritualidade nas empresas quando a ideologia vigente está baseada na globalização econômica e na centralidade do econômico em detrimento do social? Vivemos uma crise de humanismo: precisamos redescobrir o sentido de dignidade humana fazendo uma reflexão sobre como poderíamos desenvolver uma espiritualidade nas empresas. Após alguns comentários, o autor alude que, quem sabe, a globalização econômica está ajudando a descobrir um mundo novo, refletindo sobre a globalização da solidariedade.

PALAVRAS-CHAVE: Espiritualidade. Empresa. Dignidade humana.

ABSTRACT: When reflecting on spirituality in enterprises, the author inquires, after some conceptualizations: is it possible to talk of spirituality in enterprises when the current ideology is based on economic globalization and the centrality of economy in detriment of society? We live a crisis of humanism: we need to rediscover the sense of human dignity by making a reflection on how we could develop spirituality in enterprises. After some commentaries, the author suggests that, who knows, economic globalization is helping to discover a new world, affecting the globalization of solidarity.

KEYWORDS: Spirituality. Enterprise. Human dignity.

RESUMEN: Al reflejar acerca de la espiritualidad en empresas, el autor investiga, después de algunas conceptualizaciones la pregunta: ¿es posible hablar de espiritualidad en empresas cuando la ideología actual se basa en la globalización económica y la centralidad de la economía en detrimento de la sociedad? Vivimos una crisis del humanismo: necesitamos volver a descubrir el sentido de la dignidad humana haciendo una reflexión acerca de cómo podríamos desarrollar la espiritualidad en empresas. Después de algunos comentarios, el autor sugiere que quién sabe la globalización económica esté ayudando a descubrir un mundo nuevo, afectando la globalización de la solidaridad.

PALABRAS LLAVE: Espiritualidad. Empresa. Dignidad humana.

Introdução

O tema da espiritualidade no trabalho vem crescendo de forma intensa nos últimos anos no mundo empresarial. Algo que antigamente era visto como assunto desligado do universo organizacional, como algo religioso ou até místico, hoje se insere como uma dimensão estratégica, na medida em que dá significado à missão da empresa e ao trabalho das pessoas. Quando elas têm essa consciência, a consequência é que fluem com maior facilidade os fatores mais buscados pelos executivos das organizações: a motivação, o desempenho, o espírito

de equipe, a comunicação eficaz, a qualidade, o foco no cliente, o “estar de bem com a vida”. Após algumas conceituações, daremos uma olhada sobre possíveis empecilhos no caminho do desenvolvimento de uma espiritualidade empresarial: a globalização e a centralidade do econômico em detrimento do social. A seguir, enfocando a crise de humanismo, refletiremos sobre a espiritualidade nas empresas com alguns comentários. Concluindo, chegamos a entender que a globalização econômica pode nos ajudar a descobrir um mundo novo nas organizações.

Conceituações

ESPIRITUALIDADE é a busca de um sentido de vida e na vida e os caminhos são as religiões, as filosofias, a ética, a moral e as ideologias. Espiritualidade na empresa significa a razão de existir da empresa. A EMPRESA é uma organização econômica, civil ou comercial, constituída para explorar determinado ramo de negócio e oferecer ao mercado bens e/ou serviços. Toda empresa tem uma missão e uma visão: missão da empresa é satisfazer as necessidades e expectativas dos clientes, obter lucratividade visando o desenvol-

* Enfermeiro. Mestre em Administração Hospitalar e da Saúde. Professor no Programa de Mestrado em Bioética no Centro Universitário São Camilo. Membro da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). Pesquisador do Núcleo de Bioética e Membro do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário São Camilo. Atualmente, Reitor do Centro Universitário São Camilo (São Paulo) e Vice-Superintendente da União Social Camiliana.

vimento da empresa e o retorno dos investimentos dos acionistas; contribuir para a qualidade de vida e o progresso profissional dos colaboradores; a visão da empresa é a ideologia central (valores básicos, finalidade básica) e visualização do futuro (metas, descrição desse futuro). No contexto da espiritualidade nas empresas, podemos falar de RESPONSABILIDADE SOCIAL, que seria a forma ordenada e responsável que a empresa adota para desenvolver suas ações, suas políticas, suas práticas, suas atitudes, tanto com a comunidade, quanto o seu corpo funcional.

Globalização

Trata-se de um processo que visa a unificação de todos os mercados do mundo sob a articulação das multinacionais. Ela quer o predomínio das regras de mercado sobre regulamentos ditados pelos governos dos países. Marca o ingresso do capitalismo em uma nova etapa de seu desenvolvimento, em que as corporações multinacionais começam a contestar a soberania dos estados nacionais. Considera que o Estado deve prioritariamente exercer a função de garantir a liberdade do mercado, o cumprimento dos contratos e a propriedade. Coloca, em segundo plano, qualquer outra função do Estado, em especial, a sua função social.

O liberalismo, em termos políticos, proporcionou importante contribuição à democracia ao opor-se a variadas formas de absolutismo e autoritarismo, defendendo a liberdade do cidadão. Contudo, em termos práticos, a maioria dos adeptos do neoliberalismo tem preconizado grandes cortes nos gastos sociais do Estado, elevar as taxas de juros, promover a privatização das companhias estatais, como no setor de transporte, saúde, educação, energia e telecomunicações, e

defender o livre comércio internacional e os grandes investimentos financeiros especulativos. A questão fundamental é que o modelo econômico-político neocapitalista admite a exclusão como princípio de funcionamento. Em todos os países onde está sendo aplicado, tem levado a uma situação em que as macrocontas destes são ajustadas, com queda da inflação, saldo da balança financeira e estabilidade econômica, embora aumente o desemprego e piore sensivelmente a situação dos mais pobres, aumentando a distância que separa as classes sociais mais abastadas daquelas menos favorecidas, gerando ainda mais bolsões de miséria.

Concretamente, o fim do século e do milênio foram marcados pela violência física e simbólica contra os excluídos, contra a liberdade de sonhar e construir uma “terra sem males”. A globalização, novo rosto do projeto de dominação, é baseada na apropriação privada dos recursos e da terra, na exploração da força de trabalho, na expansão de um sistema de mercado integrador e homogeneizador. Alguns modelos de globalização querem impor a abertura arrasadora da economia do país aos interesses externos e financiamentos multinacionais, o desmonte do Estado e a dramática diminuição dos investimentos públicos, dos programas sociais. Educação, saúde, moradia e lazer são tratados como mercados rentáveis. Essa lógica de organização econômica, política e social gera violentos mecanismos de exclusão social, o desrespeito aos direitos humanos, a exploração sem limites dos recursos naturais, com repercussões desastrosas para as futuras gerações.

O conceito “globalização” está manchado pela face escura da modernidade, por sua racionalidade instrumental e eficácia funcionalista, e pela face anti-social do capitalismo em sua forma tardia de

neoliberalismo. Seu produto final é sofrimento e exclusão econômica, em função da maximização dos lucros.

Só globalizou-se o econômico! E o social?

Assim, a globalização é uma tragédia para a maioria da humanidade: tanto a economia mundialmente integrada quanto o mercado se regem pela competição e não pela cooperação. Se dermos livre curso à competição sem a cooperação, podemos nos devorar e colocar em alto risco todo o sistema vida. A verdadeira globalização, a verdadeira sustentabilidade planetária dependem de mudanças profundas na concepção de pessoa e de natureza, e de implementação de um outro modelo de sociedade, onde o determinante não seja o capital, o lucro, mas a vida dos homens e mulheres interagindo com toda a natureza. Precisamos redescobrir a solidariedade, a co-responsabilidade, a compaixão, a partilha, o cuidado.

Centralidade do econômico em detrimento do social

Para entender o alcance da força do neoliberalismo e do capitalismo, é necessário enfatizar a teoria econômica, a racionalidade econômica que está na base: reparamos que a teoria econômica é abstrata, seca, despersonalizada, sem envolvimento com o social. A racionalidade econômica reside basicamente nos indivíduos. O interesse próprio é a melhor forma econômica de amor ao próximo, já que “o interesse governa o mundo”. Interesse próprio, liberdade individual: não precisa de outros critérios. Todo o pensamento econômico afirma que seria prejudicial à eficiência econômica a intromissão da moral, de valores sociais. Assim, torna-se estranho falar de eficiência social como condição significa-

tiva à eficiência econômica. Hoje, são os economistas que mais falam dos sacrifícios necessários para a salvação. Os economistas afirmam que fora do mercado não há salvação. Eles insistem sobre o fato de que só o mercado pode produzir eficazmente quantidades ilimitadas de bens de consumo que poderão satisfazer os desejos ilimitados de todos e assim instalar o paraíso na terra. No sistema de mercado, toda produção é voltada para atender os desejos dos consumidores, daqueles que não são excluídos porque podem e têm condições de consumir. O desejo é muito mais poderoso que a realidade. Desejar estar no mercado substitui o estar efetivamente nele. O desejo é internalizado, não há necessidade de maiores pressões: o desejo aderiu ao projeto. E para tanto, são necessários os sacrifícios humanos para a satisfação dos desejos dos mais aptos, dos eleitos, daqueles que conseguem trilhar o estreito caminho da competição e da eficácia. Hoje, o mercado está dando origem a uma forma moderna de religião, “a religião da mercadoria”, “a espiritualidade do mercado”, gerando uma imensa idolatria. O dogma central dessa religião é este: “O dinheiro tudo pode, move o céu e a terra”. A espiritualidade apresenta a tese de que a humanização se dá no e pelo consumo. Existem os templos dessa religião que são os bancos, com seus sacerdotes que são os banqueiros e os financistas que prestam o maior culto ao dinheiro; inclusive, os bancos têm os seus sacrários: os cofres-fortes. Existe também a romaria aos espaços mais carregados de significação que são os grandes shopping e cidades de consumo como Miami, Paris... Então, exige-se uma fé irrestrita e uma confiança ilimitada no caráter benéfico da lógica econômica.

O sistema econômico não propõe mais a inclusão de todos ao

mercado, e sim reciclagem e diversificação da produção para provocar o consumo dos que estão no mercado. Os outros, os que sobram, são mantidos à distância, contornados, eventualmente assistidos até que desapareçam. Assim, existem os planos sociais de compensações como cestas básicas, bolsa família, programas escolares, comunidade solidária, assentamento de famílias sem-terra... que são direitos e não esmolas! O mercado não tem compromisso com os povos, com as pessoas.

Crise de humanismo

Passamos por uma profunda crise de humanismo. Em escala mundial, presenciamos grandes transformações em várias instâncias tais como, economia, política, desenvolvimento tecnológico, direitos e deveres dos cidadãos, funções familiares, saúde e sobrevivência de muitos povos, entre outras. Da globalização excludente seria possível passar à globalização da solidariedade? O que está acontecendo com as pessoas? Onde está o humano? O simples estar com o outro, a compaixão, a tolerância, a solidariedade se tornaram valores descartáveis que contam pouco ou nada? Até quando?

A humanização das empresas passa pela humanização da sociedade como um todo. Não podemos esquecer que uma sociedade violenta, iníqua e excludente interfere no contexto das empresas. O contexto macro influi de modo contundente no condicionamento e determinação da cultura, relacionamentos no contexto micro das empresas. Estas são um espelho fiel e cruel do que de mais nobre, lindo, heróico e fantástico a sociedade produz, bem como o que nela existe de mais degradante e aviltante em relação ao ser humano. Aqui, antes da humanização,

temos como desafio a “hominização”, ou seja, criar oportunidades aos seres humanos de existirem e viverem dignamente. Para além desta condição somos desafiados a sermos agentes empresarias de ações inovadoras.

Os feitos da tecnociência são notórios e abundantemente proclamados pela mídia e até mesmo endeusados. Deparamo-nos diuturnamente com ambientes tecnicamente perfeitos, mas sem alma e ternura humana. Esqueceu-se de que as coisas têm preço e podem ser trocadas, alteradas e comercializadas, porém, as pessoas têm *dignidade* e clamam por respeito. A manipulação sutilmente se faz presente e, rouba aquilo que é mais precioso à vida do ser humano: sua dignidade. Entramos num círculo vicioso de coisificação das pessoas humanas e sacralização das coisas, inversão cruel dos valores! Surge neste horizonte a necessidade de políticas de humanização e no nosso país temos alguns sinais promissores.

Espiritualidade nas empresas?

A espiritualidade reflete no respeito pelo próximo, na solidariedade, no estilo de liderança e até no trabalho em equipe.

Deste modo, a espiritualidade nas empresas refere-se em primeiro lugar ao respeito à vida. Isto significa considerar o ser humano na sua totalidade, respeitando e investindo em todas as suas dimensões: física, intelectual, emocional e espiritual; criando uma cultura corporativa sustentada em valores, fazendo com que a ética e os valores humanos universais e espirituais iluminem as decisões, as estratégias, as políticas e todos os relacionamentos da organização.

A empresa é um organismo que deve e precisa descobrir a sua dimensão transcendental: a sua

identidade, a sua razão de existir e a sua missão. Precisa definir os seus valores e as suas crenças sobre os quais se apoiarão as suas políticas, procedimentos, ações internas e externas.

Podemos citar a criação de um espaço para que os colaboradores se realizem no ambiente de trabalho através de uma gestão participativa e onde a inovação, a criatividade, o talento e as potencialidades de cada um possam emergir contribuindo efetivamente para resultados. Pode-se estabelecer, com fornecedores e clientes, relações de parcerias duradouras, tendo a ética, a transparência, a confiança e a colaboração mútuas como requisitos vitais para o êxito. Por fim, também a organização precisa fazer-se solidária e assumir o papel de cidadã contribuindo com o bem comum. Suas ações socialmente responsáveis com relação à comunidade, ao meio ambiente, enfim à vida humana, possibilitarão aos colaboradores orgulhar-se da empresa em que trabalham e à sociedade orgulhar-se de ter uma empresa cidadã. Nesse caso, todos colherão os merecidos frutos.

Existem diversos meios para promover a espiritualidade. Muitos já foram citados e outros serão ainda desenvolvidos pela inteligência e sabedoria das pessoas comprometidas com a vida. Há empresas que estimulam a solidariedade através do trabalho voluntário, outras estão muito bem inseridas em suas comunidades e nela agindo e interagindo com suas ações socialmente responsáveis. Há aquelas que abrem espaço para meditação, reflexões e orações e ainda as que inserem o assunto nos programas de treinamento e desenvolvimento, enfim cada organização com a sua cultura sabe encontrar o melhor caminho para se desenvolver com maturidade e equilíbrio, proporcionando resultados favoráveis para todos.

A espiritualidade é o pilar, pois é ela que deve dar sustentação às causas humanistas. Não há espiritualidade sem humanização.

A gente sempre está pensando “o que vou ganhar com isso?”, não é mesmo? Cultivar a espiritualidade deveria ser simplesmente algo a ser feito gratuitamente, pela própria vida, pelo bem, pelo bem comum, para ser mais feliz.

Os valores devem ser traduzidos em atitudes: o respeito pelo outro, a escuta, a maneira de atender ao cliente, a solidariedade, o estilo de liderança, o trabalho em equipe. Observe que falamos de competências que fazem a diferença no mercado de trabalho.

Algumas considerações

Falar de espiritualidade na era da globalização é jogo duro. Em primeiro lugar, quando nos falamos em espiritualidade, no fundo, é a busca de um sentido para a vida ou até para a vida da empresa. Precisamos rever, quando falamos de planejamento estratégico, qual é a missão e a visão da empresa. Quando falamos de espiritualidade, pode ser para o bem ou para o mal. Na era da globalização, falamos da espiritualidade do mercado e essa espiritualidade diz que através do dinheiro tudo se consegue — a felicidade passa pelo lucro. Nessa linha, qual é a nossa visão como empresários quando falamos de inteligência emocional e espiritual em encontros. Pergunto sempre “para que esses encontros? É para o bem das pessoas ou das empresas?” No sentido de colaborador, o que ele vai tirar disso para o bem dele como pessoa, para a sua família? Muitas vezes, esses encontros têm por finalidade aumentar a produção das empresas e não o bem das pessoas! Hoje quando falamos em espiritualidade, muitas vezes, é em nível micro, mais quem sabe pos-

mos tirar uma visão macro dessa vivência de espiritualidade dentro da empresa.

Outro elemento importante, muitas vezes empresários e executivos viajam ao mundo inteiro mais fica faltando a viagem ao nosso interior. Quando falamos de responsabilidade social, entendemos que deve ser uma ação para a sociedade de fora; e dentro da própria empresa. Muitas. Nesse sentido, nas empresas, devemos repensar um dos caminhos da espiritualidade, que é a ética comunitária, que se define em duas palavras: faça o bem. É importante repensar as ações dentro da empresa, em função desse papel cidadão que a empresa tem de ter — a empresa não deve viver para si; ela vive para a sociedade. Essa espiritualidade da empresa, essa responsabilidade social tem de partir da cúpula. É muito difícil fazer os nossos colaboradores viver uma espiritualidade se a própria cúpula da empresa não a vive.

Nesse sentido pergunto sempre: será que o *manager* tem consciência de como vivem os seus subalternos? Será que o faxineiro da empresa vive dignamente? Quais são os meios que a empresa poderia empregar para que isso aconteça? Ele anda de BMW blindado — tudo bem — vive no Morumbi, mas muitos de seus colaboradores vivem na favela, de maneira indigna. Como equacionar isso?

Temos de começar a pensar na globalização do social e da solidariedade. Só então poderemos viver, de maneira mais profunda, essa questão de espiritualidade nas empresas.

A espiritualidade no trabalho tem implicações diretas da empresa com os clientes, visão de resultados liderança, gerenciamento de pessoas, ecologia, educação, desenvolvimento, bem-estar físico, social, emocional e espiritual.

Concluindo...

A globalização nos esteja ajudando a descobrir um mundo novo dentro das organizações.

A angústia tem sido muito intensa. Há empresários verdadeiramente envolvidos com seus propósitos.

A espiritualidade significa questionar paradigmas usuais, ver uma realidade diferente daquela de costume, encontrar formas menos sofridas de convivência, entender nossa interdependência e necessidade de ajuda mútua.

A energia humana que poderia ser integralmente utilizada na produtividade, é desviada para a defesa, porque competição significa ameaça e quem se sente ameaçado se defende. Nossa vida é fragmentada. Fragmentar significa perder. Por considerarem ingênuas as abordagens que baseiam-se no foco humano, mesmo porque, lidar com o humano exige um preparo que empresários e gerenciadores muitas vezes negam-se a alcançar, optam pelo foco técnico e perde-

se o potencial contido dentro do humano.

A espiritualidade pode ajudar-nos a assumir nossas responsabilidades perante a vida em todos os sentidos, dos quais a responsabilidade profissional é apenas uma.

Lembremo-nos de que o sentido de fraternidade tão caro a todas as correntes espirituais se manifeste sob o nome de trabalho em equipe, espírito de equipe. A espiritualidade se reflete no respeito ao próximo, na solidariedade, no estilo de liderança e no trabalho em equipe.

REFERÊNCIAS

Barchifontaine CP. Bioética e início da vida: alguns desafios. Aparecida (SP): Idéias e Letras, São Paulo: Centro Universitário São Camilo, 2004.

_____. Saúde pública é bioética? São Paulo: Paulus, 2005.

Boog GG. Espiritualidade nas empresas. www.xamanismo.com.br/conteudo/465.html.

Pessini L, Barchifontaine CP. Problemas atuais de bioética. 7ª ed. São Paulo: Loyola e Centro Universitário São Camilo, 2005.

Santaré R. Espiritualidade corporativa: vencendo a barreira física. [www.mauronunes.com.br/comentário temático nº0056](http://www.mauronunes.com.br/comentário_temático_nº0056)

Recebido em 6 de março de 2007
Aprovado em 22 de março de 2007